

Golpe de direção

SÓ AGORA O PT COMEÇA A SENTIR O TRANCO DA GUINADA NO DISCURSO ECONÔMICO DO PARTIDO

*Rogério L. Furquim Werneck**

Em artigo publicado neste mesmo espaço, no final de setembro, pouco antes do primeiro turno da eleição presidencial, tive a oportunidade de destacar a vertiginosa rapidez com que o PT tinha conseguido mudar seu discurso econômico, adotando com grande sucesso postura radicalmente distinta da que vinha assumindo poucos meses antes. Em meio ao assombro, fiz indagações que, naquele momento, simplesmente ainda não podiam ser respondidas. Até que ponto uma mudança tão drástica de postura teria sido feita ao arrepio das efetivas convicções da grande maioria do partido? Quanto de si mesmo teria o PT deixado cair pelo caminho, ao decidir dar uma guinada tão brusca no seu discurso? Não ficaria o partido tentado a voltar atrás para recolher pedaços das suas velhas convicções?

Passados pouco mais de quatro meses, tais indagações permanecem válidas. Mas já podem ser encaradas de outra perspectiva. Os temores de que, mesmo entre a elite dirigente do partido, o novo discurso tenha sido adotado a contragosto ainda não se dissiparam completamente. Mas parecem hoje bem mais infundados do que logo antes das eleições. Até mesmo os mais céticos ficaram agradavelmente surpresos com a consistência do discurso do novo ministro da Fazenda. E ainda mais surpresos com a desenvoltura e a firmeza com que esse discurso se traduziu em ações concretas nos primeiros 45 dias do novo governo.

Mas, como mostram os desenvolvimentos das últimas semanas, o PT parece longe de estar à vontade com o novo discurso oficial. Mudança tão pronunciada seria difícil de ser absorvida em qualquer agremiação política. Mais difícil ainda no caso de uma organização extraordinariamente complexa como o PT, com longa história de apego a processos de decisão descentralizados, envolvendo centenas de milhares de militantes, agrupados em múltiplas correntes e facções bem demarcadas.

Não é de se espantar, portanto, que a cúpula dirigente do PT venha enfrentando dificuldades para assegurar que o partido como um todo acompanhe, sem maiores problemas, o brusco golpe de direção que deu lugar ao discurso econômico do novo governo. Tentando apaziguar uma centena de prefeitos petistas reunidos nessa terça-feira, em Brasília, o presidente sublinhou a importância de evitar mudanças muito pronunciadas na condução da política econômica. Ponderou que “o Brasil não é um fusquinha, que pode dar um cavalo-de-pau. É um transatlântico. Se a virada não for feita aos poucos, pode afundar.”

O problema é que, para evitar uma mudança brusca na política econômica, a cúpula do partido teve de impor uma correção especialmente brusca no seu discurso. O PT talvez não seja comparável a um transatlântico. Mas tampouco pode ser manobrado com grande facilidade. Há muita inércia a se ter em conta. A imagem que vem à mente é a de uma gigantesca jamanta carregada, trafegando em velocidade relativamente alta, dobrando repentinamente à direita. A parte mais fácil, é claro, é fazer a cabine da carreta mudar o curso. O que é difícil é assegurar que a enorme e pesada carroceria venha atrás, acompanhando suavemente o movimento da cabine. Há poucos meses, não faltou quem temesse o pior, imaginando que a jamanta acabaria tombando. A esta altura talvez já se possa dizer que já não há esse risco.

Mas é bem possível que uma parte da carga acabe esparramada pelo caminho. Especialmente a parte mais precariamente acomodada na extremidade oposta à cabine. O que não chegaria a desmerecer a façanha de quem conseguiu levar a bom termo manobra tão arriscada. Mas o preocupante não é tanto a carga que poderá despencar, mas a que vai permanecer na carreta. É bem provável que, abalada pela violência do tranco, tenha ficado com a amarração frouxa. O que deverá exigir que a carreta agora passe a ser conduzida com extremo cuidado.

Há uma parte substancial do PT que não protesta de forma desabrida mas tampouco esconde que não vê com bons olhos a metamorfose por que vem passando o partido. Há quem, num esforço de racionalização, tente perceber as medidas recentes de política econômica como uma espécie de pantomima inicial, da qual o governo por ora não se pode furtar, mas que em breve seria definitivamente abandonada. Outros falam em construir as bases para a “saída do modelo” assim que a correlação de forças permitir. E outros, ainda, sublinham a necessidade de que, nas demonstrações de preocupação com a consistência macroeconômica, o governo tenha o cuidado de se ater ao estritamente necessário.

Ilustrativo dessas resistências um tanto veladas foram as reações à recente decisão de elevação da meta de superávit primário para este ano. Foi vista com perplexidade porque não havia sido exigida pelo FMI. Sentindo-se pressionado pelo partido, o governo saiu-se com a explicação de que a decisão foi ditada pela preocupação com as possíveis conseqüências da eclosão de uma guerra no Oriente Médio. Uma meia verdade, se tanto. No quadro atual, a anunciada elevação do superávit primário é um passo fundamental para abrir espaço para a paulatina redução de taxas de juros. É medida mais do que recomendável. Em qualquer cenário. Com ou sem guerra. Não houvesse a perspectiva de guerra, o que alegraria o governo?

No último mês e meio, à medida que o governo foi transformando seu novo discurso em ações concretas, o descontentamento dentro do PT com a condução da política econômica só teve razões para aumentar. Da perspectiva dos descontentes, é como se estivesse havendo uma escalada: elevação da taxa de juros, aumento da meta de superávit primário, cortes orçamentários e sinais de que o reajuste do salário-mínimo pode ficar bem aquém do que vinha sendo esperado. Para não falar do teor das reformas que vêm sendo consideradas. Quem, no partido, ainda tinha ilusões de que a brusca mudança de discurso não era para valer, está afinal sentindo o tranco. A grande questão é como o governo saberá lidar com os desdobramentos da inevitável tensão que a consciência concreta dessa mudança deverá provocar dentro do PT e dos demais partidos da base aliada nos próximos meses.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.